

Sinopse internacional n. 09, jan. 2008

<http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>



www.bndes.gov.br/conhecimento/publicacoes/catalogo/sinopse_intl.asp

Nº 9 – Janeiro 2008

PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL

Equipe: Ana Cláudia Alem - Fabrício Catermol - Patrícia Zendron- Cecília Carvalho

1) PANORAMA MUNDIAL

SUMÁRIO

Panorama mundial.....	1
<i>Box: Reservas mundiais de petróleo são de 1,2 trilhão de barris.....</i>	8
O IED no mundo.....	10
O IED em 2007.....	10
Algumas tendências recentes.....	11
<i>Box: Perspectivas para o IED nos próximos anos.....</i>	14
O setor externo brasileiro em 2007... <i>Box: A internacionalização das empresas nos países em desenvolvimento.....</i>	14 18

O final do ano de 2007 e o mês de janeiro de 2008 foram marcados pela deterioração das expectativas quanto ao desempenho econômico dos EUA. Os indicadores do setor imobiliário continuaram decepcionantes, o que combinado com os resultados desfavoráveis dos balanços das instituições financeiras, aumentou o temor de uma recessão americana. Essa situação refletiu-se na alta volatilidade das bolsas internacionais, que fecharam o mês de janeiro com um nível de perdas elevado.

Espera-se, entretanto, que as medidas expansionistas adotadas pelo Fed dos EUA de redução mais acelerada das taxas de juros, combinada com incentivos fiscais anunciados pelo governo federal, consigam estimular um aumento consistente da demanda e, assim, reverter o atual clima de pessimismo da economia internacional. Como resultado, a economia mundial deverá registrar em 2008 mais um ano de crescimento, ainda que a uma taxa menor do que a registrada em 2007. Segundo estimativas do FMI, a economia mundial cresceu 4,9% em 2007. Para 2008, a projeção é de um crescimento um pouco menor, de 4,1% - ver Tabela 1.1. Mesmo com a desaceleração do crescimento dos EUA, o expressivo crescimento mundial combinado com taxas de inflação sob controle deverá ser liderado pelo crescimento dos países em desenvolvimento, com destaque para China e Índia.

A Sinopse Internacional é um trabalho de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, o ponto de vista do BNDES.

Fechamento da edição: 31/01/2008

E-mail: sinopseinternacional@bndes.gov.br Tel: 55 - 21 - 2172-7369

Para receber a Sinopse Internacional diretamente em seu e-mail, entre em contato conosco.

Tabela 1.1: Produto Interno Bruto - variação %

	FMI (1)		OCDE (2)		Economist (3)			Banco Mundial (4)		
	2007 E	2008 P	2007 E	2008 P	2007 E	2008 P	2009P	2007 E	2008 P	2009P
Países Desenvolvidos	2,6	1,8	-	-	-	-	-	2,6	2,2	2,6
Japão	1,9	1,5	1,9	1,6	1,9	1,4	1,9	2,0	1,8	2,1
Estados Unidos	2,2	1,5	2,2	2,0	2,2	1,8	2,6	2,2	1,9	2,3
Zona do Euro	2,6	1,6	2,6	1,9	2,6	1,8	2,0	2,7	2,1	2,4
Países em Desenvolvimento	7,8	6,9	-	-	-	-	-	7,4	7,1	7,0
África	6,0	7,0	-	-	-	-	-	6,1	6,4	5,8
América Latina e Caribe	-	-	-	-	-	-	-	5,1	4,5	4,3
Argentina	-	-	-	-	7,5	6,2	4,7	7,8	5,7	4,7
Brasil	-	-	4,8	4,5	4,7	4,5	4,1	4,8	4,5	4,5
Chile	-	-	-	-	5,6	4,5	5,0	-	-	-
México	-	-	3,0	3,6	3,0	2,7	3,4	2,9	3,2	3,6
Paraguai	-	-	-	-	-	-	-	3,0	3,1	-
Uruguai	-	-	-	-	-	-	-	4,4	3,8	-
Venezuela	-	-	-	-	6,9	4,9	3,9	6,0	5,5	-
Ásia e Pacífico	9,6	8,6	-	-	-	-	-	10,0	9,7	9,6
China	11,4	10,0	11,4	10,7	11,4	10,1	9,6	11,4	10,8	10,5
Índia	-	-	8,8	8,6	7,9	7,7	-	9,0	8,4	8,5
CEI	8,2	7,0	-	-	-	-	-	-	-	-
Rússia	-	-	7,3	6,5	7,2	6,7	5,7	7,5	6,5	6,0
Mundo	4,9	4,1	-	-	-	-	-	3,6	3,3	3,6

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook (janeiro 2008).

(2) OECD Economic Outlook No. 82 - Edição Preliminar

Intelligence Unit, Goldman Sachs, HSBC Securities, KBC Bank, JP Morgan Chase, Morgan Stanley, Decision Economics, BNP Paribas, Royal Bank of Canada, Citigroup,

(4) Global Economic Prospects 2008.

O vigor do comércio mundial deverá continuar nos próximos anos. O Banco Mundial estima que o volume de comércio mundial tenha crescido 9,2% em 2007, em relação a 2006 e as projeções são de expansão de 7,6% e 9,2% em 2008 e 2009, respectivamente. Segundo a instituição, a inflação média mundial deverá variar entre 2,0% e 3,0% nos próximos dois anos.

As autoridades dos EUA têm dado uma aula do mais puro keynesianismo nos últimos anos. A continuidade do crescimento econômico tem refletido o sucesso de uma política econômica que privilegia o crescimento econômico, ainda que não se descuide do controle da inflação.

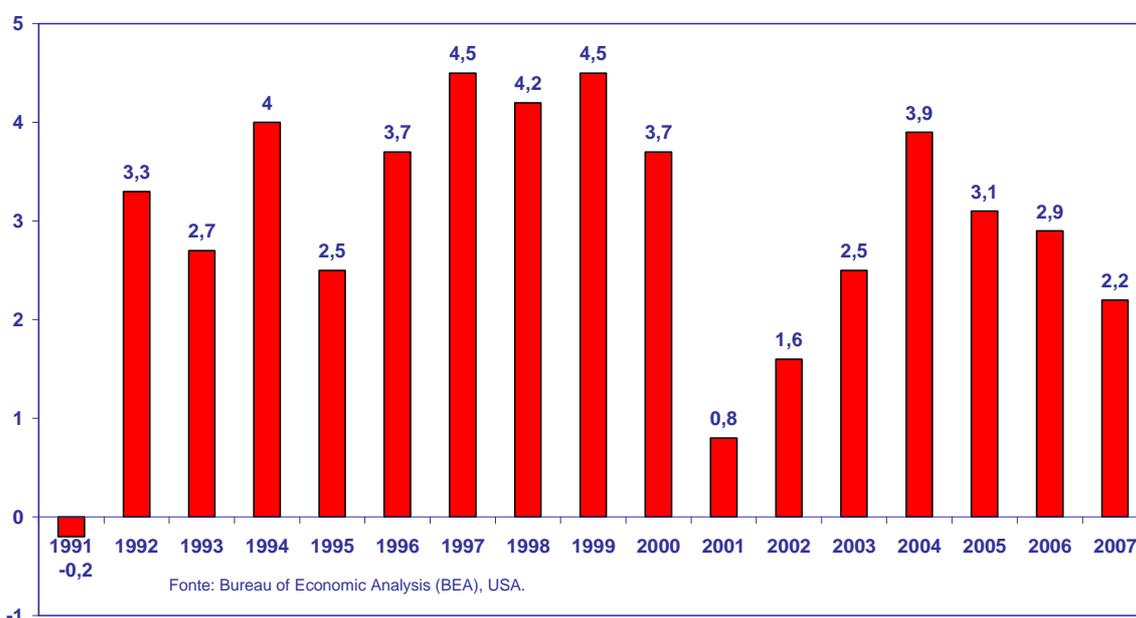
No momento recente de acirramento das incertezas quanto à manutenção do crescimento, o Fed não hesitou em surpreender os mercados com um corte emergencial de 0,75 ponto percentual (p.p.) da taxa dos FED Funds, o primeiro em mais de 20 anos. A última vez em que o Fed cortou o juro em 0,75 p.p. foi em 1984, quando as taxas de juros estavam acima de 10% ao ano. Com o corte, a taxa caiu para 3,5% ao ano. Além disso, no final da reunião do dia 30 de janeiro, o FED reduziu novamente a taxa básica de juros do país, em 0,50 p.p., para 3% ao ano. Além disso, a taxa de redesconto, cobrada das instituições financeiras, também foi reduzida em 0,50 p.p., para 3,5% ao ano. E novos cortes de juros poderão ocorrer nos próximos meses.

Compreendendo que apenas a flexibilização da política monetária não seria suficiente para reverter o clima de pessimismo, houve o anúncio de um pacote de medidas fiscais expansionistas. Em um breve discurso no dia 18 de janeiro, o presidente George Bush pré-anunciou o lançamento de um pacote com medidas fiscais para estimular a economia dos EUA. O total de incentivos

deverá atingir cerca de 1% do PIB do país, o que equivale a algo em torno de US\$ 130 bilhões a US\$ 150 bilhões.

Entretanto, ainda que não se deva esperar uma recessão profunda nos EUA, os últimos dados divulgados mostram claramente uma desaceleração do nível de atividade. Conforme as estimativas preliminares do Departamento do Comércio dos EUA, o PIB da economia norte-americana cresceu 2,2% em 2007, a menor taxa desde 2002, quando os EUA registraram expansão de 1,6%. Em 2006, o PIB norte-americano havia crescido 2,9% - ver Gráfico 1.1.

Gráfico 1.1: Crescimento Real do PIB dos EUA (%)



A desaceleração do crescimento em 2007 refletiu principalmente o fraco desempenho dos EUA no quarto trimestre de 2007, quando o crescimento anualizado foi de apenas 0,6%, ante a taxa de 4,9% registrada no terceiro trimestre. Ao mesmo tempo, o índice de preços de gastos com consumo (PCE) mostrou uma aceleração de 1,8% para 3,9% entre os dois trimestres, com o núcleo do índice atingindo 2,7%, ante 2,3% do terceiro trimestre do ano passado.

A queda de 23,9% dos investimentos no setor residencial e o menor crescimento dos gastos com consumo, de 2,0%, ante a taxa anterior de 2,8%, foram fatores importantes que pesaram na queda da taxa de crescimento do PIB. As compras de bens duráveis aumentaram 4,2% no último trimestre, ante o aumento de 4,5% no terceiro trimestre. Já os gastos com bens não duráveis subiram 1,9% no quarto trimestre, enquanto os gastos com serviços avançaram 1,6%.

Segundo o Departamento do Comércio, a queda do investimento residencial reduziu em 1,18 p.p. o crescimento do PIB no período. Foi a pior queda desde o quarto trimestre de 1981, quando os investimentos caíram 35,1%. No

terceiro trimestre, estes investimentos haviam caído 20,5%. Quanto ao consumo (responsável por cerca de 70% do PIB dos EUA), o aumento dos gastos no quarto trimestre contribuiu com 1,37 p.p. do crescimento do PIB, abaixo da contribuição de 2,01 p.p. do trimestre anterior.

Esses resultados alimentaram o receio de que o crescimento do consumo tenha começado a ser prejudicado pela crise do setor imobiliário e pela redução do crédito o que, se efetivamente ocorresse, confirmaria os temores de que a crise do setor imobiliário americano tenha sérios efeitos sobre o crescimento do consumo e, conseqüentemente, sobre a taxa de crescimento do PIB do país.

Os investimentos das empresas aumentaram 7,5% no último trimestre de 2007. Os investimentos em infra-estrutura subiram 15,8% e os gastos com *software* e equipamentos cresceram 3,8% no período. Os gastos das empresas subiram 9,3% no terceiro trimestre.

As empresas liquidaram seus estoques no quarto trimestre. Os estoques de todos os tipos de bens diminuíram em US\$ 3,4 bilhões, depois de terem aumentado US\$ 30,6 bilhões no terceiro trimestre e US\$ 5,8 bilhões no segundo. A queda registrada no último semestre do ano passado tirou 1,25 p.p. do PIB do quarto trimestre, depois de acrescentar 0,89 p.p. no trimestre anterior.

Em relação aos indicadores do mercado imobiliário, as licenças para construção de habitações caiu em média 25,6% em 2007, ante 2006 – ver Gráfico 1.2. As vendas de casas novas apresentaram uma redução de 26,3% no período. Os preços médios das moradias, por sua vez, registraram uma redução de 11,9% em 2007, contra 2006 – Gráfico 1.3.

As projeções para o PIB dos EUA em 2008 apontam para um crescimento real entre 1,5% e 2,0% - ver Tabela 1.1, novamente.

Na Zona do Euro, estima-se que o PIB real tenha crescido entre 2,5% e 2,7% em 2007, ante 2006. A taxa de desemprego da Zona do Euro foi de 7,2% em dezembro, inferior aos 7,8% de igual mês de 2006.

O Banco Central Europeu (BCE) não tem seguido a trajetória expansionista do FED norte-americano, privilegiando o controle da inflação ao estímulo a um crescimento mais acelerado. Com isso, as taxas de juros básicas não têm sofrido reduções e se mantêm em 4% ao ano. As projeções para 2008 e 2009 apontam para um crescimento real da ordem de 2% do PIB da Zona do Euro.

Gráfico 1.2: Evolução do mercado imobiliário dos EUA (mil unidades)

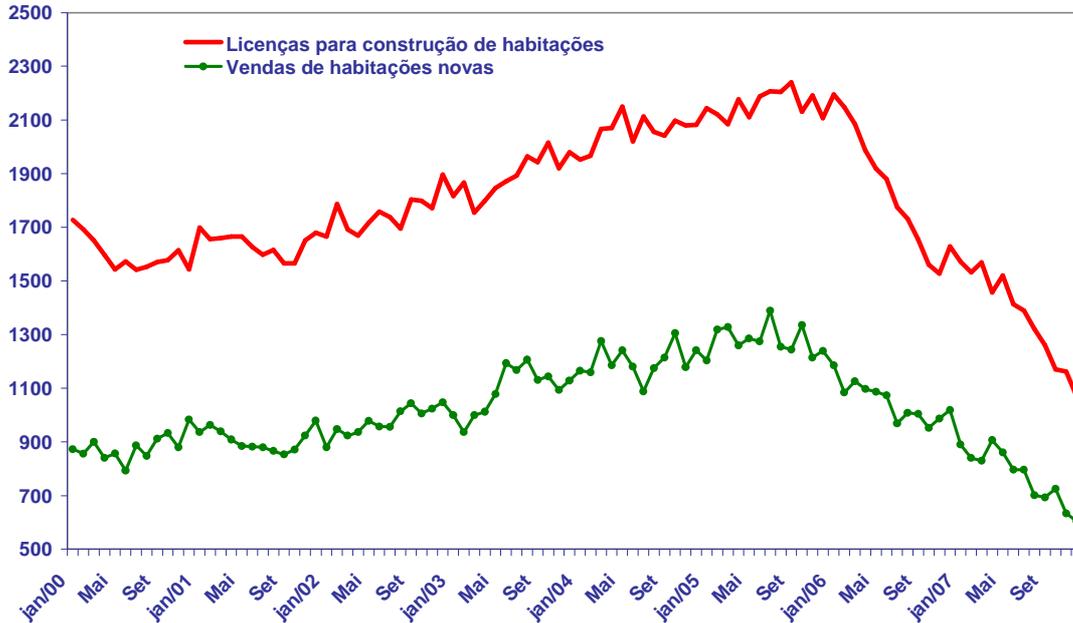
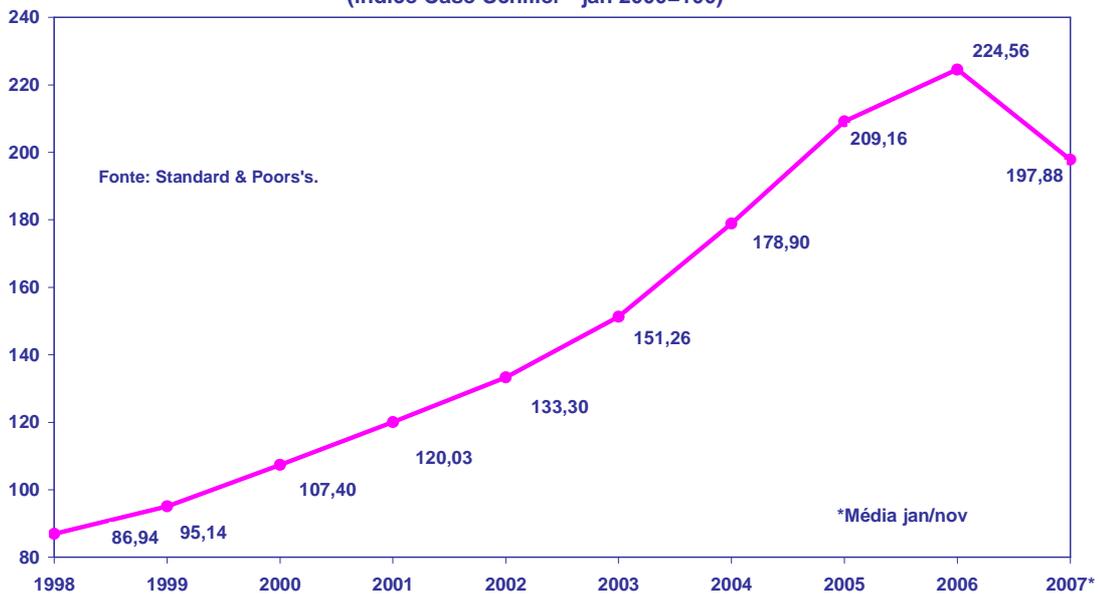


Gráfico 1.3 Evolução dos Preços das Habitações (Índice Case-Schiller - jan 2000=100)



No que diz respeito ao continente asiático, a economia chinesa teve, novamente, em 2007, um desempenho acima das projeções mais otimistas. Segundo o Escritório Nacional de Estatísticas da China, houve um crescimento real de 11,4% do PIB em 2007, ante 2006. Essa foi a quinta expansão anual consecutiva acima de 10%. O destaque de crescimento foi o PIB da indústria, com crescimento de 13,4% no período. A formação bruta de capital fixo aumentou 24,8% em 2007, ante 2006, atingindo a impressionante cifra de 56% do

PIB. A taxa de desemprego urbana manteve-se estável em relação a 2006, atingindo 4% em 2007.

A renda urbana *per capita* apresentou um crescimento real de 12,2% no período. As exportações e importações apresentaram crescimento de 25,7% e 20,8%, respectivamente. Como resultado, a China registrou um superávit comercial recorde de US\$ 262 bilhões, superior em US\$ 84,7 bilhões ao número de 2006. As reservas internacionais atingiram o montante de US\$ 1,53 trilhão, um valor 43% superior ao de 2006.

O índice de preços ao consumidor acumulou um crescimento de 4,8% em 2007, taxa 3,3 p.p. mais alta do que a de 2006. Para 2008 e 2009, a perspectiva é de manutenção de altas taxas de crescimento, com as projeções em média apontando para uma expansão do PIB acima de 10% - ver Tabela 1.1.

Segundo estimativas preliminares, o PIB do Japão apresentou um aumento real da ordem de 2,0% em 2007, ante 2006. A média das projeções aponta para uma taxa de crescimento real do PIB de 1,5% a 2,0% em 2008 e 2009, respectivamente - ver a Tabela 1.1.

Em relação à Índia, as estimativas preliminares apontam para um crescimento real do PIB da ordem de 9% em 2007 - o ano fiscal na Índia termina no final de março. Confirmando-se este crescimento, serão cinco anos com expansão real anual média acima de 8%: um desempenho expressivamente superior à média de 6% registrada nos anos 1980 e 1990. A taxa de investimento encontra-se atualmente no patamar de 35% do PIB. As projeções correntes sinalizam para a manutenção de altas taxas de crescimento nos próximos anos. Em 2008, a expansão poderá ficar entre 8% e 9%. Em 2009, projeta-se um crescimento da ordem de 9%.

De acordo com o Balanço Preliminar da Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL) divulgado em dezembro último, a taxa de crescimento dos países da região foi estimada em 5,6% para o ano de 2007, a mesma expansão observada em 2006. Caso este resultado se confirme, será a primeira vez nos últimos 25 anos que a América Latina e o Caribe terão um crescimento superior a 4,0% por 4 anos consecutivos. As projeções apontam para um crescimento real acima de 4,0% para 2008 e 2009.

As cotações das *commodities* mantiveram-se em elevação ao longo de 2007 – ver o Gráfico 1.4. Segundo o Índice *The Economist*, as *commodities* tiveram em média um aumento de 18,6% em 2007, ante 2006. A elevação média das *commodities* industriais e das metálicas, por sua vez, foi de 11,6% e 11,8%, respectivamente. As perspectivas são de que a demanda aquecida da China e da Índia deverá continuar aumentando o consumo em 2008 e 2009, sustentando a continuidade da trajetória de alta dos preços das *commodities*.

No setor petrolífero, o ano de 2007 foi marcado por fortes aumentos das cotações do barril – ver Gráfico 1.5. O barril do Petróleo Brent registrou em média um aumento de 12% em 2007, contra 2006. Entretanto, a perspectiva é de que as cotações iniciem um movimento de queda que reflita a desacelera-

ção da economia dos EUA combinada com a manutenção do nível atual de oferta de petróleo da OPEP. Estimativas da British Petroleum apontam para um total de reservas mundiais de 1,2 trilhão de barris de petróleo – ver o Box a seguir.

Gráfico 1.4: Evolução dos Preços das Commodities
Índice The Economist (1990=100)

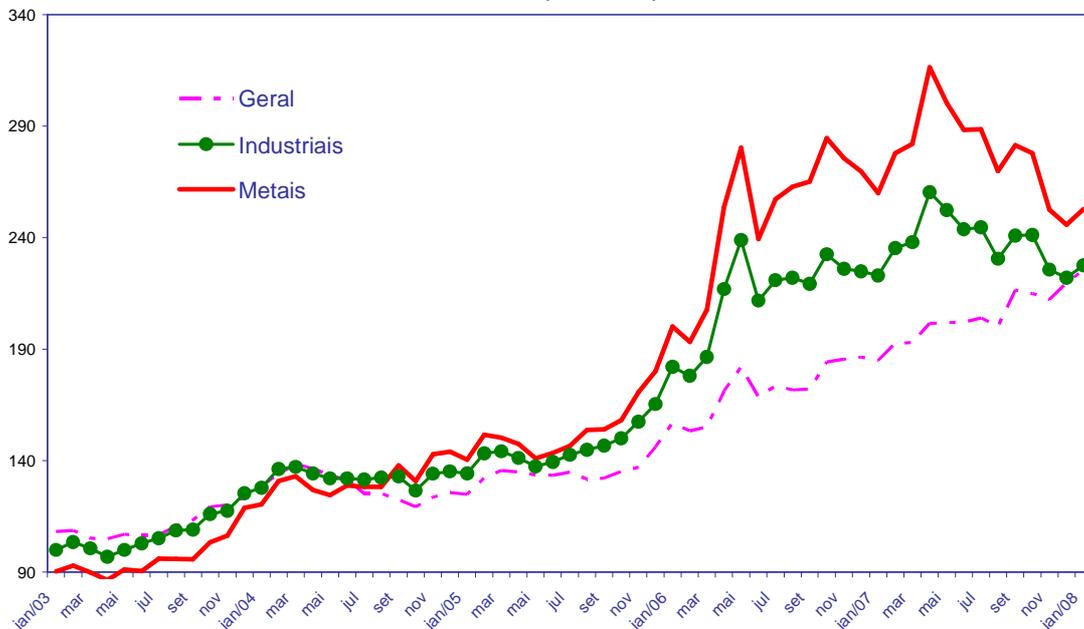
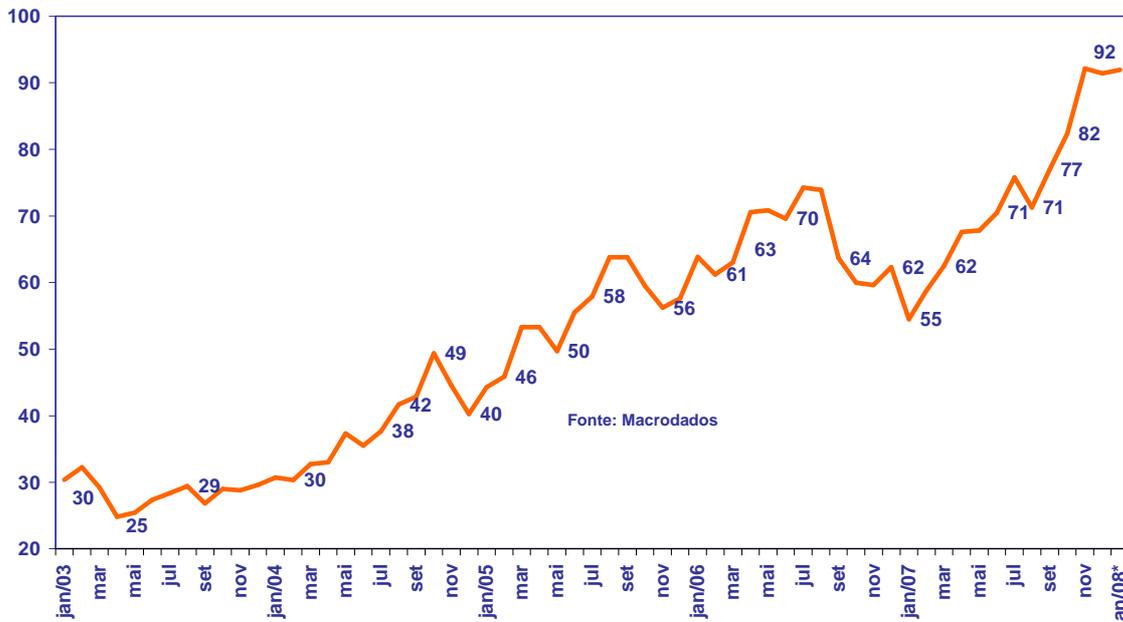


Gráfico 1.5: Cotação do Petroleo Brent (US\$/barril) - Média Mensal



O pessimismo frente ao desempenho econômico dos EUA refletiu-se na alta volatilidade das bolsas internacionais que acumularam quedas expressivas no mês de janeiro – ver Tabela 1.2. Houve também um aumento do *spread* de

risco dos países emergentes em janeiro, na comparação com dezembro – ver Tabela 1.3.

Tabela 1.2: Bolsas de Valores Internacionais (variação%)(1)

	Índice-pontos	No dia	No mês	No ano	Em 12 meses
Dow Jones	12.650	1,67	-4,63	-4,63	0,23
Nasdaq	2.390	1,74	-9,89	-9,89	-3,01
Londres	5.880	0,73	-8,94	-8,94	-5,21
Paris	4.870	-0,08	-13,26	-13,26	-13,17
Frankfurt	6.852	-0,34	-15,07	-15,07	0,92
Tóquio	13.592	1,85	-11,21	-11,21	-21,81
Moscou	1.907	-3,76	-16,74	-16,74	3,47
Buenos Aires	2.007	-1,42	-6,71	-6,71	-3,06
Santiago	2.788	-0,22	-8,63	-8,63	-3,69
Cidade do México	28.794	1,76	-2,52	-2,52	4,47
São Paulo(Bovespa)	59.490	-1,33	-6,88	-6,88	33,26
Xangai	4.383	-0,78	-16,69	-16,69	57,32
Hong Kong	23.456	-0,84	-15,67	-15,67	16,66
Bombaim	17.649	-0,62	-13,06	-13,06	25,25

Nota: (1) Posição em 31 de janeiro de 2008.

Tabela 1.3: Evolução do risco-país (EMBI+)

	dez/03	dez/04	dez/05	dez/06	dez/07	jan/08
PAÍSES EMERGENTES	418	356	245	169	239	277
ARGENTINA	5632	4703	504	216	410	480
BRASIL	463	382	311	192	221	259
COLÔMBIA	431	332	238	161	195	258
FILIPINAS	415	457	302	154	206	255
MÉXICO	199	166	126	98	149	182
PERU	312	220	206	118	178	207
RÚSSIA	257	213	118	96	147	176
TURQUIA	309	265	223	207	239	276
VENEZUELA	593	411	318	182	506	518

Fonte: Macrodados

Nota: (*) Posição em final de período.

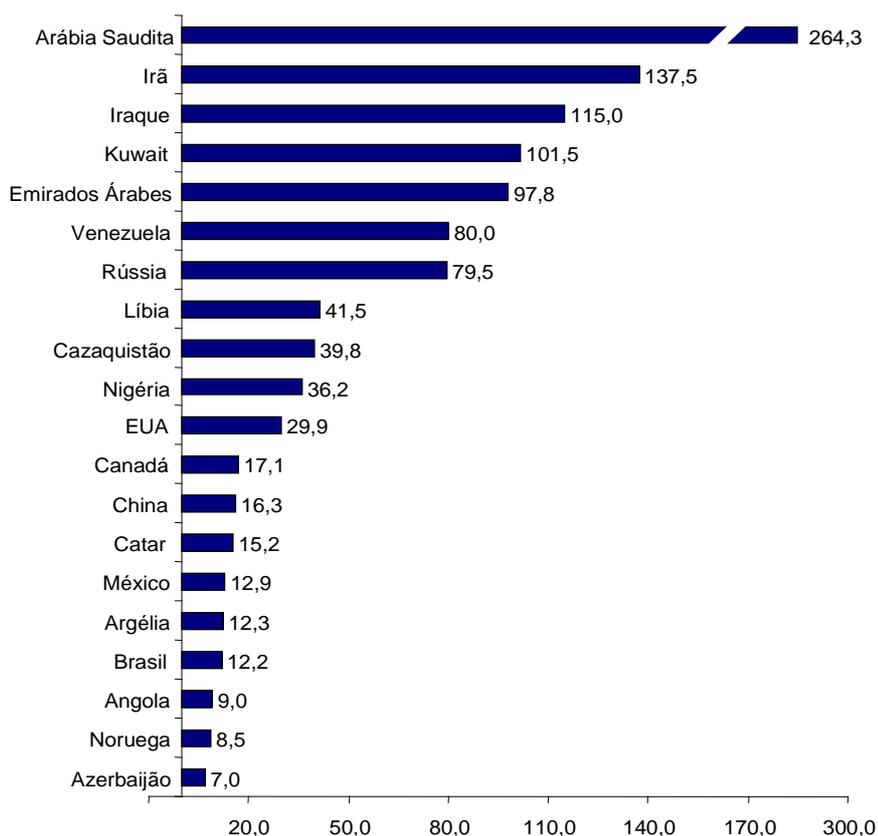
Reservas mundiais de petróleo são de 1,2 trilhão de barris

As reservas totais de petróleo no mundo são de 1,2 trilhão de barris, situadas em sua maior parte no Oriente Médio. Segundo estimativas da British Petroleum, se mantido o ritmo atual de extração, tais reservas seriam suficientes para 40 anos de consumo. O país de maior volume de reservas é a Arábia Saudita, com quase o dobro do segundo colocado, o Irã. A Venezuela é o país fora do Oriente Médio com maiores reservas de petróleo – ver Tabela 1.4.

Atualmente, o Brasil ocupa o 17º lugar no *ranking* mundial de reservas provadas de petróleo, as quais se situam próximas das existentes no México, bem como de alguns países africanos, a exemplo da Argélia. Existe, porém, grande diferença entre as trajetórias das reservas de petróleo no México e no Brasil. As mexicanas se reduziram fortemente nos últimos 20 anos: eram de 55 bilhões em 1986 e hoje são de 13 bilhões. As do Brasil aumentaram quase seis vezes no mesmo período.

Em novembro de 2007, foi anunciada a existência de reservas entre 5 e 8 bilhões de barris no Campo de Tupi, situado na Bacia de Santos, o que representaria um aumento de 50% nas reservas atualmente existentes no país. A consideração das reservas no referido campo proporcionará um salto do Brasil no *ranking* de detentores de petróleo: o país poderá ter reservas para estar entre as atuais posições de EUA e Canadá.

Tabela 1.4: Reservas de petróleo no mundo (em bilhões de barris)



Fonte: BP Statistical Review, 2007

2) A EVOLUÇÃO DOS INVESTIMENTOS EXTERNOS DIRETOS NO MUNDO

2.1) O IED em 2007

Segundo estimativas preliminares da UNCTAD, o montante de investimentos externos diretos (IED) atingiu US\$ 1,5 trilhão em 2007, o que representou um crescimento de 18%, ante 2006 – ver Tabela 2.1. Esse foi o quarto ano consecutivo de crescimento do IED mundial. Com esse resultado, o total de IED atingiu o novo recorde da série histórica, ultrapassando o valor de US\$ 1,4 trilhão atingido em 2000.

Tabela 2.1: Evolução do fluxos de IED

	Fluxos (US\$ bilhões)				Var.07/06(%)	Part-07(%)
	2004	2005	2006	2007*		
Mundo	742	946	1306	1538	17,8	100
Países desenvolvidos	419	590	857	1002	16,8	65
Estados Unidos(EUA)	136	101	175	193	10,0	13
Reino Unido	56	194	140	171	22,6	11
França	33	81	81	123	52,1	8
Japão	8	3	-7	29	-	2
Países em desenvolvimento	283	314	379	438	15,7	29
China	61	72	69	67	-3,1	4
Hong Kong (China)	34	34	43	54	26,8	4
Cingapura	20	15	24	37	52,4	2
Índia	6	7	17	15	-9,4	1
Brasil (1)	18	15	19	35	84,3	2
Argentina	5	5	5	3	-39,7	0
Chile	7	7	8	15	92,4	1
México	22	20	19	37	92,8	2
Turquia	3	10	20	19	-3,6	1
Economias em transição	40	41	69	98	40,9	6

Fonte: World Investment Report 2007 (WIR 2007) e UNCTAD Investment Brief, nº 1/2008.

Nota: (1) Em 2007: dados do Banco Central do Brasil.

Os principais receptores de IED continuaram sendo os países desenvolvidos que absorveram US\$ 1 trilhão, o que significou uma expansão de 17% em relação a 2006. Com esse resultado, os países desenvolvidos aumentaram sua participação no total de IED, recebendo 65% dos investimentos mundiais. Os Estados Unidos, em 2007, lideraram novamente a atração de IED (US\$ 193 bilhões), seguidos do Reino Unido (US\$ 171 bilhões) e da França. A UNCTAD estima que os 25 países da União Européia (UE) tenham recebido cerca de 40% do fluxo total de IED em 2007.

Como contrapartida, os países em desenvolvimento vêm perdendo participação, que em 2007, foi de apenas 29% do total de IED. Os países em desenvolvimento atraíram US\$ 438 bilhões em IED em 2007, um valor 16% superior ao registrado em 2006. A China (US\$ 67 bilhões), Hong Kong/China (US\$ 54 bilhões), Cingapura (US\$ 36,9 bilhões), o México (US\$ 36,7 bilhões) e o Brasil (US\$ 34,6 bilhões), foram os principais receptores entre os países em desenvolvimento – ver novamente a Tabela 2.1.

Após um longo período de relativa estagnação, os fluxos de IED para a América Latina e Caribe recuperaram-se e atingiram um valor recorde de US\$ 125 bilhões em 2007. No Brasil, México e Chile, os IED quase dobraram em 2007, na comparação com 2006. Na América Latina, destacou-se o aumento dos IED em novos projetos e em expansão da capacidade produtiva (*greenfield*), em detrimento do que ocorreu nos países desenvolvidos, onde a expansão do IED foi liderada, principalmente, pelas operações de fusões e aquisições de empresas. Essa situação refletiu principalmente a retomada de uma trajetória de crescimento sustentado na região, nos últimos anos.

2.2) IED: algumas tendências recentes

O World Investment Report – 2007 (WIR 2007) da UNCTAD divulgou os dados definitivos de IED até 2006.

Seguindo a tendência dos últimos anos, a maior parte dos IED (67% do total) destinaram-se aos processos de fusões e aquisições de empresas: o valor e a quantidade de operações atingiram US\$ 880 bilhões e 6.974, respectivamente, em 2006. Em relação a 2005, houve um crescimento significativo tanto do número de transações (14%) quanto dos valores envolvidos (23%). A tabela 2.2 apresenta as 20 principais fusões e aquisições acima de US\$ 1 bilhão em 2006. A principal operação em 2006 foi a compra da Arcelor pela Mittal Steel, que atingiu o montante de US\$ 32 bilhões. A compra da Inco pela companhia brasileira Vale do Rio Doce foi a quinta maior operação, que totalizou US\$ 17 bilhões. No que diz respeito aos países em desenvolvimento e economias em transição, a aquisição da Inco pela Vale do Rio Doce foi a principal operação realizada em 2006. Em termos setoriais, a maioria dos processos de fusões e aquisições continuaram ocorrendo nos setores de serviços, cuja participação no total foi de 58%, em média, em 2002-2006, expressivamente superior aos 37% observados no período 1987-1990.

Tabela 2.2: As 20 maiores operações de fusões e aquisições com valores acima de US\$ 1 bilhão (2006)

Empresa alvo	Setor	Empresa compradora	(US\$ bilhões)
Arcelor S.A.(Luxemburgo)	siderurgia	Mittal Steel Co NV (Países Baixos)	32,2
O2 PLC(Reino Unido)	telecomunicações	Telefonica AS (Espanha)	31,7
BAA PLC (Reino Unido)	terminais aeroportuários	Airport Development (Espanha)	21,8
Falconbridge Ltd. (Canada)	níquel	Xstrata PLC (Suíça)	17,4
Inco Ltd (Canadá)	níquel	Cia Vale do Rio Doce S.A. (Brasil)	17,2
BNOC Group PLC (Reino Unido)	gases industriais	Linde AG (Alemanha)	14,1
Lucent Technologies Inc (EUA)	equipamentos de telecomunicações	Alcatel S.A. (França)	13,6
TDC A/S(Dinamarca)	telecomunicações	Nordic Telephone Co ApS (EUA)	10,6
Winterthur Schweizerische (Suíça)	seguros de vida	AXA S.A. (França)	10,0
VNU NV (Países Baixos)	impressão e gráfica	Valcon Acquisition BV(EUA)	9,6
Philips Semiconductors (Países Baixos)	semicondutores	Investor Group (EUA)	9,5
Glamis Gold Ltd. (EUA)	ouro	Goldcorp Inc (Canadá)	8,7
GE Insurance Solutions Corp (EUA)	seguros	Swiss Reinsurance Co (Suíça)	7,8
IVAX Corp (EUA)	fármacos	Teva Pharma Inds Ltd (Israel)	7,4
Peninsular & Oriental Steam (Reino Unido)	transportes/fretes em mar profundo	Thunder FZE(Emirados Árabes Unidos)	6,9
Chiron Corp (EUA)	biologia	Novartis(Suíça)	6,2
Foersaerings AB Skandia (Suécia)	seguros de vida	Old Mutual PLC(Reino Unido)	6,0
Banca Nazionale del Lavoro SpA (Itália)	setor bancário	BNP Paribas S.A(França)	5,9
Altana Pharma AG (Alemanha)	fármacos	Nycomed A/S(Dinamarca)	5,8
Hilton International Co (Reino Unido)	hotelaria	Hilton Hotels Corp(EUA)	5,7

Fonte: WIR 2007, UNCTAD.

Em relação aos IED em novos projetos e expansão da capacidade (*greenfield*), a maior participação quantitativa continuou destinando-se à indústria - 54% em 2006. A maior parte dos IED *greenfield* destinaram-se aos setores de “autoveículos e outros materiais de transporte”, “alimentos e bebidas”, “químico” e “máquinas e bens industriais” – ver Tabela 2.3. Entretanto, vale ressaltar que houve um crescimento expressivo de 25% dos projetos nos setores de serviços em 2006, ante 2005. O crescimento foi superior ao registrado pelos projetos destinados à indústria naquele ano, que foi de 6%, ante 2005.

Tabela 2.3: IED- número de projetos *greenfield* por setor de atividade

Setores	2002	2003	2004	2005	2006
Energia	267	568	374	469	492
Indústria	3319	5682	6121	6011	6369
Alimentos e bebidas	420	685	757	676	734
Têxteis	275	419	588	409	498
Química	394	722	716	607	649
Plásticos e borracha	149	273	302	328	341
Materiais de construção, cerâmicas e vidro	81	169	182	191	214
Metais/mineração	234	472	411	598	469
Máquinas e bens industriais	159	351	441	474	565
Equipamento elétrico e eletrônico	571	998	1107	1194	1160
Autoveículos e outros materiais de transporte	661	942	970	905	955
Outros	375	651	647	629	784
Serviços	2117	3193	3650	3962	4952
Hotéis, turismo e lazer	352	525	480	406	480
Telecomunicações	138	170	180	238	275
Intermediação financeira	384	638	643	793	1101
Construção	127	236	226	262	487
Serviços às empresas (inclui <i>holdings</i>)	221	374	458	493	692
Tecnologia da informação e software	646	908	1160	1172	1232
Logística e distribuição	176	214	214	473	507
Outros	73	128	289	125	178
Total	5703	9443	10145	10442	11813

Fonte: WIR 2007, UNCTAD.

A Tabela 2.4 apresenta as 30 principais relações bilaterais de IED. O destaque em 2005 ficou com o estoque de IED do Reino Unido nos EUA que atingiu US\$ 282 bilhões. O estoque de IED dos EUA no Reino Unido, por sua vez, ficou em terceiro lugar em 2005, registrando a cifra de US\$ 234 bilhões. Em 1985, a posição era contrária: o estoque de IED dos EUA no Reino Unido era maior do que o do Reino Unido nos Estados Unidos. Naquele ano, as principais relações bilaterais concentravam-se em poucos países: EUA, Reino Unido, Canadá e Países Baixos. Em 2005, a situação havia se alterado, ocorrendo uma maior dispersão das relações bilaterais: por exemplo, naquele ano o estoque de IED de Hong Kong (China) na China ficou em segundo lugar. Outras relações bilaterais que aumentaram de importância desde 1985 foram Japão/EUA; Alemanha/EUA e China/Hong Kong. Como reflexo de sua posição como o maior receptor de IED do mundo, os EUA apareceram 8 vezes entre os 20 principais destinos de estoques de IED de outros países.

A Tabela 2.5 apresenta as 20 maiores empresas transnacionais pelo critério de posse de ativos no exterior (a última posição divulgada pela UNCTAD refere-se a 2005).

Tabela 2.4: As 30 principais relações bilaterais de IED (US\$ bilhões)⁽¹⁾

Origem	País receptor	1985	1995	2005
1 Reino Unido	EUA	44	116	282
2 Hong Kong (China)	China	-	120	242
3 EUA	Reino Unido	48	85	234
4 Japão	EUA	19	105	190
5 Alemanha	EUA	15	46	184
6 EUA	Canadá	49	83	177
7 Países Baixos	EUA	37	65	171
8 China	Hong Kong (China)	0,3	28	164
9 Ilhas Virgens Britânicas	Hong Kong (China)	-	70	164
10 Canadá	EUA	17	46	144
11 França	EUA	7	36	143
12 Suíça	EUA	11	27	122
13 Luxemburgo	EUA	0,3	6	117
14 Países Baixos	Alemanha	5	34	111
15 Países Baixos	França	10	31	102
16 Reino Unido	França	9	26	96
17 Países Baixos	Reino Unido	17	27	93
18 Alemanha	Reino Unido	3	14	86
19 EUA	Países Baixos	8	25	84
20 França	Reino Unido	5	13	80
21 EUA	Suíça	-	14	79
22 EUA	França	12	36	79
23 Alemanha	França	6	21	79
24 Países Baixos	Irlanda	-	-	76
25 Bélgica	França	-	17	73
26 EUA	Alemanha	14	41	68
27 Reino Unido	Países Baixos	4	18	67
28 França	Alemanha	2	15	59
29 Alemanha	Países Baixos	2	12	58
30 EUA	Austrália	-	33	54

Fonte: WIR 2007, UNCTAD.

Nota: (1) Os dados referem-se aos estoques de IED em cada ano.

Tabela 2.5: As 20 principais empresas transnacionais não-financeiras Segundo a posse de ativos no exterior (US\$ bilhões)

	Setor	Ativos	
		No exterior	Totais
General Electric (EUA)	equipamento elétrico e eletrônico	413	673
Vodafone Group PLC (Reino Unido)	telecomunicações	196	220
General Motors (EUA)	autoveículos	175	476
British Petroleum PLC (Reino Unido)	petróleo	161	207
Royal Dutch/Shell Group (Reino Unido e Países Baixos)	petróleo	151	220
ExxonMobil (EUA)	petróleo	144	208
Toyota Motor Corporation (Japão)	autoveículos	132	244
Ford Motor (EUA)	autoveículos	119	269
Total (França)	petróleo	108	126
Electricité de France (França)	eletricidade, gás e água	91	202
France Télécom (França)	telecomunicações	87	130
Volkswagen (Alemanha)	autoveículos	83	158
RWE Group (Alemanha)	eletricidade, gás e água	83	128
Chevron Corp. (EUA)	petróleo	81	126
E. ON (Alemanha)	eletricidade, gás e água	81	150
Suez (França)	eletricidade, gás e água	78	95
Deutsche Telekom AG (Alemanha)	telecomunicações	78	151
Siemens AG (Alemanha)	equipamento elétrico e eletrônico	67	104
Honda Motor Company Limited (Japão)	autoveículos	67	90
Hutchison Whampoa (Hong Kong/China)	multissetorial	62	77

Fonte: WIR 2007, UNCTAD.

Perspectivas para o IED nos próximos anos

Nos próximos anos, espera-se que os fluxos de IED prossigam em crescimento. No final de 2007, a UNCTAD divulgou uma pesquisa qualitativa (World Investment Prospects Survey, 2007-2009) para avaliar as tendências futuras dos fluxos de IED.

A UNCTAD enviou um questionário em março de 2007 para 1.500 empresas transnacionais não-financeiras entre as 5.000 maiores empresas multinacionais, segundo a posse de ativos no exterior. Os resultados foram organizados a partir das respostas de 191 empresas transnacionais, o que representou cerca 13% da amostra total.

Cerca de 70% das companhias consultadas planejavam aumentar seus investimentos no exterior anualmente até 2009 (inclusive). Grande parte dos IED *greenfield* deverão se destinar aos países em desenvolvimento, permanecendo uma maior participação das fusões e aquisições de empresas no que diz respeito às entradas de IED nos países desenvolvidos.

Segundo a pesquisa, os maiores potenciais receptores de IED no período de 2007 a 2009 serão: a China, a Índia, os EUA, a Rússia e o Brasil (Tabela 2.6).

Tabela 2.6
IED: maiores potenciais receptores
(2007 a 2009)

	% de entrevistados
China	52
Índia	41
EUA	36
Rússia	22
Brasil	12
Vietnam	11
Reino Unido	10
Polônia	7
Alemanha	7
Austrália	6

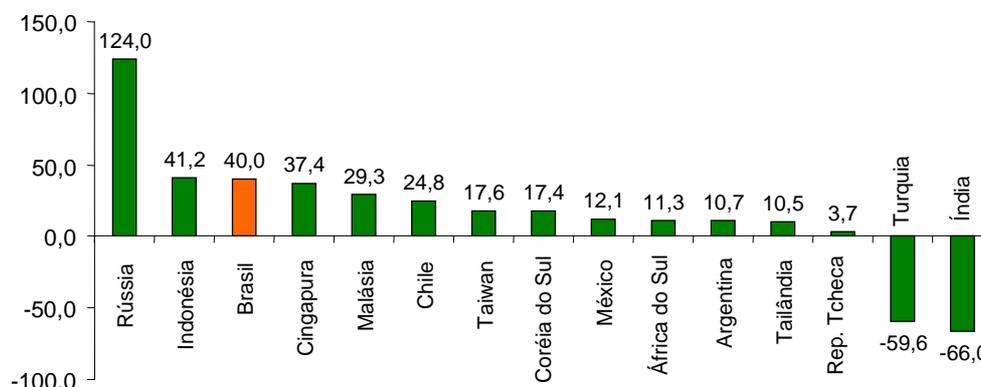
Fonte: WIR 2007, UNCTAD.

3) O Comércio Exterior Brasileiro em 2007

Em 2007, o comércio exterior brasileiro seguiu a trajetória de forte crescimento que vem sendo observada nos últimos 6 anos: as exportações foram de US\$ 160,6 bilhões (+16,6% em relação a 2006) e as importações, US\$ 120,6 bilhões (+32,0%).

O crescimento mais acentuado das importações reduziu o saldo comercial: de US\$ 46,5 bilhões, em 2006, para US\$ 40,0 bilhões, em 2007. Apesar da recente redução, o saldo comercial brasileiro foi um dos maiores entre os países em desenvolvimento. Exceto a Rússia, que sofre forte influência das elevadas exportações de petróleo, o saldo brasileiro foi menor apenas do que o indonésio – ver Gráfico 3.1.

Gráfico 3.1: Projeções de Balança Comercial para Países Selecionados: 2007 (em US\$ bilhões)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da *The Economist*.

Em 2007, todas as categorias de fator agregado na pauta de exportações do Brasil alcançaram valores recordes históricos e taxas de crescimento de dois dígitos: manufaturados (US\$ 83,9 bilhões, +11,9% em relação a 2006), semimanufaturados (US\$ 21,8 bilhões; +11,7%) e básicos (US\$ 51,6 bilhões; +28,1%) – ver Tabela 3.1.

O grupo de produtos manufaturados continuou a ser o principal nas exportações brasileiras, respondendo por 52% do total em 2007. O segmento de exportações de aviões (US\$ 4,72 bilhões) voltou a ser o principal item da pauta de manufaturados, ao crescer 45,6% e superar o de automóveis (US\$ 4,65 bilhões), que ocupara tal posição no ano anterior. As exportações de automóveis em 2007 foram praticamente iguais às de 2006, apresentando crescimento de apenas 1,2%.

Dentre os principais produtos manufaturados, as únicas exportações que apresentaram quedas em relação a 2006 foram as de motores para automóveis (8,4%), laminados planos de ferro ou aço (6,8%) e aparelhos transmissores e receptores (24,6%).

No segmento de produtos semimanufaturados, a acentuada redução nas exportações de açúcar bruto (queda de US\$ 800 milhões em termos absolutos em relação a 2006), foi mais do que compensada pelos incrementos das vendas de celulose, couro e ferro fundido (com incrementos que somaram US\$ 1 bilhão), mantendo taxa de crescimento total significativa para o segmento.

Os produtos básicos foram os que apresentaram maior taxa de crescimento em relação a 2006. Na pauta brasileira de básicos, três grupos de produtos (minério de ferro, petróleo bruto, grãos e farelo de soja) responderam por mais da metade do total, e todos esses apresentaram alto crescimento das exportações em 2007.

Tabela 3.1: Exportações do Brasil por Fatores Agregados e Principais Produtos: 2007 e 2006 (em US\$ milhões FOB)

	2007	2006	Var. % 2007/06	Part % 2007
Básicos	51.595	40.285	28,1%	32,1%
Minério de Ferro	10.557	8.949	18,0%	6,6%
Petróleo em Bruto	8.905	6.894	29,2%	5,5%
Soja em Grão	6.708	5.663	18,5%	4,2%
Carne de Frango	4.218	2.923	44,3%	2,6%
Demais	21.207	15.856	33,7%	13,2%
Semimanufaturados	21.800	19.523	11,7%	13,6%
Açúcar em Bruto	3.130	3.936	-20,5%	1,9%
Celulose	3.011	2.479	21,5%	1,9%
Produtos Semimanufs. de ferro/aço	2.338	2.277	2,7%	1,5%
Couros e Peles	2.186	1.872	16,8%	1,4%
Demais	11.135	8.959	24,3%	6,9%
Manufaturados	83.943	75.018	11,9%	52,3%
Aviões	4.718	3.241	45,6%	2,9%
Automóveis de passageiros	4.652	4.597	1,2%	2,9%
Autopeças	3.186	2.953	7,9%	2,0%
Motores para automóveis	2.555	2.790	-8,4%	1,6%
Laminados planos de ferro/aço	2.533	2.718	-6,8%	1,6%
Óleos combustíveis	2.292	2.252	1,8%	1,4%
Apars. transmissores ou receptores	2.184	2.897	-24,6%	1,4%
Veículos de Carga	2.055	1.869	10,0%	1,3%
Demais	59.768	51.701	15,6%	37,2%
Operações Especiais	3.311	2.981	11,1%	2,1%
Total	160.649	137.807	16,6%	100,0%

Fonte: MDIC/Secex

As exportações brasileiras de petróleo bruto alcançaram US\$ 8,9 bilhões em 2007, resultado originado não apenas do aumento de preços no mercado internacional. A entrada em operação de novas plataformas proporcionou sucessivos recordes de produção e exportação de petróleo, tendo chegado a Petrobras à marca de 2,2 milhões de barris produzidos por dia no final de 2007. As novas descobertas de reservas no litoral brasileiro devem garantir a continuidade do aumento de produção – ver Box da seção “Panorama Mundial”.

Além dos produtos tradicionais, houve forte crescimento das exportações de milho, que saltaram de US\$ 482 milhões em 2006 para US\$ 2,0 bilhões em 2007. O salto nas vendas de milho brasileiro deveu-se ao aumento de preço no mercado internacional derivado da maior demanda do produto nos EUA para a produção de etanol. A redução da oferta de milho norte-americano no mercado mundial proporcionou um grande aumento das vendas do Brasil para a Europa.

O principal destino das exportações brasileiras totais continuou a ser os Estados Unidos (US\$ 25,3 bilhões em 2007), apesar de terem apresentado um incremento relativo (+2,2%) modesto em relação a 2006. Houve acentuada redução das exportações brasileiras de motores para veículos, calçados e auto-

peças; tais quedas foram compensadas pelo aumento das vendas de petróleo, o que garantiu não haver redução nas exportações brasileiras totais àquele país.

Nas vendas para a Argentina (US\$ 14,4 bilhões), segundo principal destino dos produtos brasileiros, houve crescimento em praticamente todos os principais itens tradicionalmente exportados: automóveis, autopeças, celulares, veículos de carga, combustíveis, motores para veículos, polímeros, tratores e laminados planos.

Os países da Aladi constituíram o segundo principal destino das exportações brasileiras em 2007, situados apenas atrás da União Européia – ver Tabela 3.2. O desempenho das vendas brasileiras para os países latino-americanos foi fortemente influenciado pelo comportamento das exportações para o Mercosul (US\$ 17,4 bilhões), que cresceram 24% em relação a 2006, especialmente devido ao mercado argentino.

Tabela 3.2: Comércio externo do Brasil por Blocos Geográficos 2007 e 2006 (em US\$ milhões FOB)

	Exportações		Var. %	Importações		Var. %	Saldo	
	2007	2006	2007/06	2007	2006	2007/06	2007	2006
União Européia	40.426	31.045	30,2%	26.736	20.202	32,3%	13.690	10.843
ALADI	36.422	31.495	15,6%	20.571	16.282	26,3%	15.851	15.213
EUA*	25.314	24.773	2,2%	18.887	14.817	27,5%	6.427	9.956
Ásia	24.960	20.816	19,9%	30.626	22.888	33,8%	(5.666)	(2.072)
África	8.577	7.456	15,0%	11.330	8.111	39,7%	(2.753)	(655)
Oriente Médio	6.399	5.749	11,3%	3.206	3.165	1,3%	3.193	2.584
Europa Oriental	4.309	3.892	10,7%	2.766	1.434	92,9%	1.543	2.458
Demais	14.242	12.581	13,2%	6.488	4.452	45,7%	7.754	8.129
Total	160.649	137.807	16,6%	120.610	91.351	32,0%	40.039	46.456

Fonte: MDIC/Secex

* inclui Porto Rico.

A principal origem das importações brasileiras está nos países da Ásia, respondendo por US\$ 30,6 bilhões, ou seja, 25% das compras totais do país no exterior. A China foi responsável por cerca de 2/5 desse valor, sendo a segunda principal origem das importações do Brasil, atrás apenas dos Estados Unidos, situado bem a frente, ao totalizar vendas de US\$ 18,9 bilhões.

Nos dois países, a pauta apresenta forte presença de bens de alto valor agregado. Provenientes da China, são grandes as compras de material eletrônico (e.g., circuitos impressos, peças de aparelhos para telefonia, computadores, dispositivos de cristais líquidos e circuitos integrados), motores elétricos/ geradores e brinquedos; dos Estados Unidos, motores e turbinas de avião, medicamentos, instrumentos de medição e autopeças.

O crescimento das importações superior ao das exportações, verificado em 2007, reduziu o saldo comercial do Brasil com os dois países mencionados anteriormente. No intercâmbio comercial com os Estados Unidos, houve redução de US\$ 3,6 bilhões no saldo comercial do Brasil em relação ao ano anterior. Em relação à China, o saldo brasileiro em 2006 (US\$ 412 milhões) tornou-se um significativo déficit em 2007 (US\$ 1,9 bilhão). Os países asiáticos são os que apresentaram maior superávit com o Brasil, tendo esse valor quase triplicado de 2006 para 2007.

O maior crescimento relativo ocorreu nas importações provenientes da Europa Oriental, que quase dobraram em relação a 2006, especialmente devido às maiores compras de produtos químicos provenientes da Rússia. Além da Europa Oriental, as importações de países da Ásia e da África cresceram mais do que a média das compras externas totais, enquanto as provenientes dos Estados Unidos e da América Latina foram inferiores à média. Entretanto, mesmo assim, estas últimas apresentaram taxas de crescimento acima de 20% em relação a 2006.

Apenas as compras de produtos do Oriente Médio permaneceram estagnadas em 2007, tendo o pequeno crescimento de 1,3%. Houve redução das importações de petróleo da Arábia Saudita e Iraque, e aumento das importações de alguns países africanos: Nigéria, Angola, Líbia e Guiné Equatorial. O aumento nas compras originadas desses países compensou a redução que também ocorreu nas importações de petróleo da Argélia, mantendo a África na posição de segundo bloco geográfico a apresentar maior crescimento relativo (+39,7%) no *ranking* de importações do Brasil.

A Nigéria foi o quinto país mais importante no *ranking* de importações do Brasil em 2007, com vendas no valor de US\$ 5,3 bilhões, referentes quase integralmente à importação de petróleo bruto. Aquele país é atualmente a principal origem das importações brasileiras de petróleo bruto.

A Petrobras está presente na Nigéria há dez anos, quando iniciou a extração no Delta do Rio Níger. A empresa brasileira opera atualmente blocos em conjunto com Chevron-Texaco, Shell, Phillips, Statoil e Exxon-Mobil, detendo participação na exploração de campos de águas profundas situados a mais de 2,5 Km de profundidade, número recorde para a região. A Petrobras é hoje a maior transnacional brasileira (ver Box a seguir) e, a partir de 2008, deve aumentar a participação da Nigéria nas suas atividades internacionais, com o início de produção dos campos de Agbami e Akpo, que apresentam reservas estimadas superiores a 1,5 bilhão de barris de óleo do tipo leve.

A internacionalização das empresas nos países em desenvolvimento

O comércio mundial de bens e serviços tem apresentado forte expansão nos últimos anos, entretanto a internacionalização das empresas não ocorre apenas através de exportações. O investimento externo também se mostra importante nas estratégias das grandes empresas mundiais e recentemente ganha destaque nas transnacionais de países em desenvolvimento.

A Ásia concentra a maior parte das grandes transnacionais no mundo: 4 das 5 empresas com maior valor de ativos no exterior estão naquele continente, segundo o ranking elaborado pela UNCTAD – ver tabela 3.3. Apenas China, Hong Kong e Taiwan são os países de origem de 53 das 100 maiores segundo o mencionado *ranking*. As empresas asiáticas destacam-se pela elevada participação de ativos no exterior. A Hutchison Whampoa – grande empresa sediada originalmente em Hong Kong e atuante nos setores portuário, hoteleiro, imobiliário, de telecomunicações, energia, infra-estrutura e varejo – apresenta 80% de seus ativos no exterior, em um total mais de duas vezes superior ao da segunda colocada no ranking, a também asiática Petronas, da Malásia. A existência de grande volume de investimentos entre os próprios países asiáticos influencia fortemente esse resultado.

A presença de transnacionais latino-americanas não é tão expressiva, sendo o México presente com o maior número de empresas (sete) no ranking das cem maiores. No Brasil, existem apenas três empresas entre as cem maiores dos países em desenvolvimento: Petrobras, Vale e Gerdau. Na Venezuela, a PDVSA, única representante do país no ranking, está na 12ª posição, logo atrás da China Ocean Shipping e a frente da Petrobras em valor de ativos no exterior.

Tabela 3.3: As 20 maiores empresas transnacionais de países em desenvolvimento Segundo a posse de ativos no exterior (em US\$ milhões)

RK	Empresa	País de origem	Setor	Ativos		IT*
				Exterior (em US\$ milhões)	Total	
1	Hutchison Whampoa Ltd.	Hong Kong	Multisetorial	61.607	77.018	80,8
2	Petronas	Malásia	Petróleo	26.350	73.203	25,7
3	Cemex S.A.	México	Cimento	21.793	26.439	79,5
4	Singtel Ltd.	Cingapura	Telecomunicações	18.000	20.748	67,4
5	Samsung Eletronica Ltd.	Coréia do Sul	Material Eletrônico	17.481	74.834	45,4
6	LG Corp.	Coréia do Sul	Material Eletrônico	16.609	50.611	49,2
7	Jardine Matheson Holdings Ltd.	Hong Kong	Multisetorial	15.770	18.440	69,6
8	CITIC Group	China	Multisetorial	14.891	99.059	19,4
9	Hyundai Motor Company	Coréia do Sul	Veículos Automoto	13.015	64.688	20,5
10	Formosa Plastic Group	Taiwan	Produtos Químicos	12.807	57.910	40,9
11	China Ocean Shipping Company	China	Transporte e logísti	10.657	18.105	40,2
12	PDVSA	Venezuela	Petróleo	8.534	60.305	25,5
13	Petrobras	Brasil	Petróleo	8.290	78.461	9,7
14	CLP Holdings	Hong Kong	Eletricidade	6.039	13.145	33,7
15	Capitaland Ltd.	Cingapura	Imóveis	6.017	10.926	60,4
16	América Móvil	México	Telecomunicações	5.814	21.340	46,9
17	China State C.Eng. Corp.	China	Construção	5.578	13.083	29,4
18	CVRD	Brasil	Mineração	5.545	22.569	36,4
19	Oil and Natural Gas Corporation	Índia	Petróleo e Gás	5.459	20.641	16,0
20	Hon Hai Precision Industries	Taiwan	Material Eletrônico	5.436	13.972	53,8

Fonte: WIR07, UNCTAD. *Índice de Transnacionalidade.

Para uma medida mais eficaz da internacionalização de empresas, a UNCTAD elabora o índice de transnacionalidade, que é formado por uma composição das relações entre ativos no exterior/ ativos totais, vendas no exterior/ vendas totais e empregados no exterior/ empregados totais.

A empresa de maior índice de transnacionalidade (IT) é a sul-africana Datatec (98,7% de IT; e 90ª no ranking de ativos no exterior em valor absoluto), do setor de informática, seguida da First Pacific (97,1%; 53ª), empresa do setor de equipamentos elétricos e eletrônicos, de Hong Kong, indicando o elevado percentual de ativos, vendas e empregados no exterior dessas empresas em relação ao total quando consideradas as atividades em seus países de origem.

A Petrobras, a despeito de estar bem colocada no *ranking* de ativos no exterior em valor absoluto, apresenta um baixo índice de transnacionalidade, apenas 9,7%. Apesar de apresentar um volume elevado de ativos no exterior, eles são baixos em relação a seus ativos totais, bem como ocorre com suas vendas e empregados no exterior. Os ativos totais da Petrobras são superados apenas pela pelos grupos chineses CITIC e China National Petroleum Corporation. O maior índice entre as brasileiras é o da Gerdau (44,0%), que não está entre as 20 de maior ativo no exterior, mas apresenta uma grande proporção desses em relação aos ativos totais.

O aumento das importações ocorreu com equilíbrio em todas as categorias de uso. O grupo de produtos que apresentou maior expansão foi a de bens de consumo duráveis (35,9%), e as taxas de expansão dos demais não foram signifi-

cativamente menores: bens de capital (32,9%), combustíveis e lubrificantes (32,1%), bens de consumo não duráveis (31,5%) e matérias primas e bens intermediários (31,2%).

**Tabela 3.4: Importação do Brasil por Categoria de Uso
2007 e 2006 (em US\$ milhões FOB)**

	2007	2006	Var. % 2007/06	Part. % 2007
Bens de Capital	25.119	18.902	32,9%	20,8%
Matérias-primas e intermediários	59.402	45.276	31,2%	49,3%
Bens de Consumo	16.024	11.982	33,7%	13,3%
Não-duráveis	7.774	5.912	31,5%	6,4%
Duráveis	8.250	6.070	35,9%	6,8%
Combustíveis e lubrificantes	20.065	15.191	32,1%	16,6%
Petróleo	11.973	9.087	31,8%	9,9%
Demais	8.092	6.104	32,6%	6,7%
Total	120.610	91.351	32,0%	100,0%

Fonte: MDIC/Secex

Em valores absolutos, a maior participação nas importações brasileiras esteve nas categorias de matérias-primas e bens intermediários, que responderam por quase a metade da pauta total. Somadas às compras de combustíveis e lubrificantes, essas categorias chegaram a 2/3 da pauta.

O significativo crescimento das importações de bens de capital apresentou correspondência nos componentes de demanda do PIB brasileiro.

A formação bruta de capital fixo (FBCF) foi o componente do PIB que mais cresceu até o terceiro trimestre de 2007, último dado disponível para o nível de atividade econômica. No acumulado do ano até o terceiro trimestre, a FBCF cresceu 12,4% ante o mesmo período do ano anterior. O consumo das famílias cresceu 6,9% e o do governo, 3,9%. A contribuição das exportações para o crescimento do PIB foi de 6,7%, registrando variação bem menor do que as importações (19,6%).

As tendências se intensificaram nos dados restritos ao terceiro trimestre: a FBCF cresceu ainda mais se comparada ao consumo das famílias e do governo, alcançando a taxa de 14,4%, contra 6,0% e 3,5%, respectivamente. As importações nas contas nacionais apresentaram crescimento mais elevado (20,4%), e a contribuição das exportações para o PIB foi modesta, de apenas 1,8%.

O crescimento do PIB brasileiro em 2007 teve forte contribuição da indústria e o perfil das importações verificadas corroborou esta tendência. No acumulado do ano até o terceiro trimestre de 2007, a indústria foi o setor que mais se expandiu em relação ao mesmo período do ano anterior, tendo crescido 5,1%, enquanto os serviços cresceram 4,9% e a agropecuária, 4,3%. A compra de máquinas industriais e suas partes e peças foi o item de maior crescimento em termos absolutos nas importações de bens de capital: apresentaram incremento superior a US\$ 4 bilhões em relação a 2006 e representaram cerca de metade das importações totais de bens de capital.